

Tranças, identidades e rebeldias: como as políticas de embranquecimento afetam as mulheres negras e sua relação com o cabelo crespo

Vanessa Rodrigues¹

Resumo:

A escrita deste texto sintetiza meus questionamentos em relação às formas de violência enfrentadas pelas mulheres negras, objetivando apresentar as marcas que as políticas de embranquecimento deixaram na mentalidade das mulheres negras através de sua relação com o cabelo crespo após séculos de colonialidade. A metodologia foi inspirada no conceito de escrevivência de Conceição Evaristo, que reverbera as reflexões de vivências das mulheres autoras negras que escrevem a partir de suas experiências, dores, memórias e problematizações. Como estudante, mulher jovem e negra, minha escrita se propõe a refletir sobre as escutas e leituras que me atravessam. Para o desenvolvimento da pesquisa, além de leituras, apliquei um questionário semiestruturado a quatro mulheres negras, a quem atribuí o nome de uma joia, para que as mesmas não fossem expostas, tendo em vista ao cenário local em que a pesquisa foi realizada. A investigação trouxe à tona a força e atualidade do preconceito, sobre os corpos e os cabelos das mulheres negras, as políticas de branquitude impõem uma estética mercadológica que afasta as mulheres do mercado e das relações sociais, e dos sonhos. Ao trançar seus cabelos as mulheres colaboradoras da pesquisa, resistem com rebeldia, a estética colonialista, o mercado e impõe suas formas de enfrentarem o mundo.

Palavras-chave: Cabelo crespo, política de embranquecimento, Mulheres negras, Tranças Nagô, Escrevivência.

Abstract:

The writing of this text synthesizes my questions regarding the forms of violence faced by Black women, aiming to present the marks left by whitening policies on the mentality of Black women through their relationship with curly hair after centuries of colonialism. The methodology was inspired by Conceição Evaristo's concept of "escrevivência," which echoes the reflections of the experiences of Black women authors who write from their own experiences, pains, memories, and problematizations. As a student, a young woman, and a Black woman, my writing aims to reflect on the listening and readings that affect me. For the development of the research, in addition to readings, I applied a semi-structured questionnaire to four Black women, to whom I assigned the name of a jewel to protect their identity, given the local context in which the research was conducted. The investigation brought to light the strength and relevance of prejudice on the bodies and hair of Black women, as whiteness policies impose a market-driven aesthetic that distances women from the market, social relations, and dreams. By braiding their hair, the women collaborators of the research resist with defiance against colonial aesthetics, the market, and assert their ways of facing the world:

Keywords: Curly hair, whitening policies, Black women, Nagô braids, Escrevivência.

Tranças e trajetórias da pesquisa

¹ Graduanda do curso de História da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Nova Andradina. Email: Vanessarodrigues3689@gmail.com

Em 2020, com 17 anos, ingressei no curso de História, pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, nessa mesma época muitos acontecimentos contribuíram para uma guinada no meu olhar sobre o mundo. Passei a morar sozinha, entrei para o mercado de trabalho, tive meu primeiro emprego formal como caixa de supermercado, estava entusiasmada com a perspectiva do meu primeiro salário, e fui surpreendida com uma demissão inesperada, o que provocou muitas interrogações, que com o passar dos dias compreendi os reais motivos de minha demissão. Explico: Nos primeiros dias de trabalho, eu usava tranças soltas estilo Box Braids/Rastafari², e o empregador me chamou em sua mesa e alegou que usar tranças no cabelo não era um penteado formal e que eu deveria parecer profissional no ambiente de trabalho, sugerindo a remoção das tranças. Isso me magoou profundamente, afinal eu era apaixonada pelas tranças, no entanto, precisava de um emprego fixo para me manter, então removi as tranças, o que não foi suficiente para que eu permanecesse empregada e em poucos dias, alegando corte de gastos, fui demitida.

Numa sociedade permeada pelo preconceito racial, muitas vezes, a imposição de uma estética colonialista dita a forma com que os corpos da diferença cultural devem se comportar para serem “aceitos” em determinados espaços. Esse preconceito no mercado de trabalho é apontado na obra de Nilma Lino Gomes: “Alguns setores de trabalho não admitem mulheres negras usando cabelos crespos, tranças, estilo black power, nem homens negros com cortes afros e dreadlocks” (Gomes, 2020, p. 197).

Embora tenha sido uma experiência difícil, não foi a primeira vez que vivenciei um estranhamento e resistência em relação ao uso de tranças, que só posteriormente compreendi como uma herança cultural dos povos afro diaspóricos. Foi no ensino médio que me interessei pelas tranças afro pela primeira vez, treinava por horas em meus cabelos e de minha irmã... a “pobrezinha”, já que a única trancista da cidade cobrava um valor além de meu orçamento. Mais tarde, praticava as tranças em minhas colegas de classe, que

² Box Braids/Rastafari: consistem em tranças soltas em quantidade por toda cabeça, adicionando material sintético que alonga o tamanho dos fios naturais, dando a impressão de cabelos longos e esticados.

me abordavam recorrentemente para trançar seus cabelos no método nagô³, e com uma amiga negra que também se interessava por tranças, começamos a fazer em nossos cabelos o método Box Braids/Rastafari.

Comecei a entender as tranças como uma expressão étnica através do preconceito praticado por familiares contra as tranças, diziam que “era coisa de preto”, ouvia-os falarem, mas não entendia por que “seria coisa de preto” o ato de entrelaçar os cabelos, e entendia menos ainda por que seria uma coisa pejorativa, afinal nós somos pretas, assim como grande parte de nossa família. Essas vivências e reflexões me aproximou da *escrevivência* da autora Conceição Evaristo, que em suas produções literárias mesclou a experiência de sua vida de mulher negra, marcada por inúmeros preconceitos, ampliando o sentido do ato de escrever, ou seja, escrever a partir do que se vive e das memórias. A autora Loyde Cardoso conceitua a *escrevivência* no trecho a seguir:

A *escrevivência* é o resgate das histórias de tudo e de todos que foram apagadas pelo texto unívoco da branquitude. É o recriar e recontar a História a partir de – e reconhecendo – suas potencialidades. É, portanto, um exercício de retomada do antes-agora-depois-e-do-depois-ainda pelo ponto de vista daqueles que vinham sendo negados, embranquecidos, esvaziados (Cardoso, *apud* Carone, 2020, p. 12).

Ou seja, a escrita deste texto, reflete minhas vivências, decepções, angústias, e até mesmo a rebeldia, no sentido de estudar e me aprofundar nas técnicas de tranças e de transformá-las em minha profissão.

Certa vez, chamei a atenção de uma professora de português, também negra, que também trançava seus cabelos. Ela foi minha primeira cliente e também colaboradora desta pesquisa, e no momento em que fazia suas tranças, me falava sobre a herança cultural das tranças, que eram usadas na época da escravidão colonial, como mapas para que os/as negros/as escravizados/as fugissem, seria essa a razão de meus familiares dizerem que era “coisa de preto”, por serem elas um produto da cultura africana? Nesse momento passei a entender que esse seria um pensamento colonial, herdado

³ Tranças nagô são tranças que são feitas na raiz do cabelo e ficam grudadas no couro cabeludo podendo assumir formatos e desenhos.

da opressão praticada contra os/as negros/as e sua cultura através dos anos. Percebi as tranças como produto cultural afrobrasileiro, me identifiquei com o tema, afinal, sou preta, e se era coisa de preto, então era coisa minha.

Decidi que seria trancista como profissão, já que não me restavam muitas opções, durante meu processo formativo no curso de História, me inspirei em trancistas profissionais, aprendi técnicas e comecei a atender clientes regularmente em meu endereço e nas casas das clientes. Investi na divulgação através de uma conta no *Instagram*, chamada *Braids Vanessa*, onde posto imagens do meu trabalho e algumas curiosidades sobre as tranças e a cultura afrobrasileira e africana das tranças.

A relação com as tranças, suscitou o desenvolvimento de um projeto de ensino durante a realização do Programa de Iniciação à Docência (PIBID⁴-2020-2021), onde busquei refletir sobre as tranças e o processo histórico e identitário das mulheres negras. Os/as participantes do projeto precisaram desenvolver uma aula para alunos/as do ensino fundamental que tratassem da cultura africana para o mês da Consciência Negra. Esse momento foi muito importante, pois, foi o primeiro contato dos/as alunos/as de História como docentes em formação, ao mesmo tempo estudando e ensinando sobre as tranças que estavam presentes em meu dia a dia.

O projeto realizado com os/as alunos/as da educação básica consistia em duas aulas, sendo uma teórica explicando as tranças e a importância da Consciência Negra, e uma segunda aula prática, em que realizamos uma oficina de tranças, quando eu meus/minhas colegas de curso, trançamos os cabelos dos/as alunos/as, que foram autorizados/as pelos/as responsáveis.

⁴ o PIBID é um programa custeado pela CAPES que promove a iniciação à docência de estudantes de licenciatura em escolas de educação básica. Ele oferece bolsas de estudo para os estudantes participantes que atuam como estagiários em escolas públicas, sob a orientação de um/a professor/a da rede e de um/a professor/a supervisor/a da universidade. O programa tem como objetivos principais promover a integração entre a educação superior e a educação básica e melhorar a qualidade da formação inicial de professores/as. <http://portal.mec.gov.br/pibid#:~:text=O%20programa%20oferece%20bolsas%20de,de%20aula%20da%20rede%20p%C3%ABlica>

Para que fosse possível, realizei uma oficina prévia para preparar os membros do projeto.

Após essa experiência, formalizei o meu desejo de continuar trabalhando com a temática no Trabalho de Conclusão de Curso, o que foi aceito por minha professora Rejane Candado, que me orientava no PIBID. Em seguida, me presenteou com o livro *Sem Perder a Raiz: Corpo e Cabelo como Símbolos da Identidade Negra* de Nilma Lino Gomes (2020), para que contribuísse com minhas indagações de pesquisa. Deu muito certo, tanto que a obra se tornou minha principal referência bibliográfica, visto que também é uma pesquisa sobre os salões de beleza étnicos na cidade de São Paulo, e traz muita historicidade sobre os cabelos crespos, as pessoas negras e as próprias cabeleireiras e cabeleireiros que possuem um papel muito importante para a identidade afro de muitas pessoas entrevistadas pela autora. Após a leitura do livro, comecei a ver minhas clientes, com outro olhar e percebi que grande parte delas eram as mulheres negras, moradoras de uma cidade do interior do Mato Grosso do Sul, que buscavam opções de penteados, no entanto, existiam poucas manifestações de tranças circulando pela cidade. Essas mulheres negras ainda não conheciam muito bem os modelos de tranças e menos ainda sua historicidade, sendo necessário que algumas vezes eu explicasse o seu processo histórico.

Algumas clientes negras me chamaram a atenção pela forma que se relacionavam com seus cabelos crespos, algumas usavam as tranças para reafirmar seu processo identitário, enquanto outras usavam para esconder ou disfarçar suas raízes naturais, e entre as que buscavam por esse objetivo, em sua grande maioria possuíam cabelos crespos curvatura⁵ 4abc, que seriam as texturas mais crespas entres os cabelos, os menos aceitos pela sociedade, ainda que sejam para mim, os mais bonitos. Essas são as mulheres a quem dedico este estudo e são as sujeitas que dialogam e contribuiram com esta

⁵ Tabela de curvaturas de cabelo onde o número 1 corresponde ao cabelo mais liso, número 2 a, b e c são os cabelos de curvatura onduladas. O 3 a,b e c são os cabelos cacheados, e por fim os 4 a,b e c são os cabelos crespos.

pesquisa, através do preenchimento do questionário⁶ e inúmeras conversas cotidianas enquanto tranço seus cabelos, trançamos afetos e ensinamentos. Para preservar o anonimato das clientes e amigas entrevistadas, utilizei pseudônimos inspirados em pedras preciosas, adicionando relatos da Jade, Safira, Água e Rubi que dialogam e acrescentam suas vivências à pesquisa.

O cabelo negro: diferentes percepções

Na atualidade encontramos abundantemente o uso de penteados afros em toda a sociedade, usados tanto por pessoas pretas, quanto por pessoas não pretas. Assim como, em outras esferas da área de beleza e estética, onde são importados os estilos e conceitos usados pela sociedade estadunidense para o Brasil, e a onda da valorização do cabelo crespo e dos penteados africanos vieram para a nossa sociedade se inspirando nos Estados Unidos e nos movimentos de resistência com os Black Powers e os Panteras Negras⁷.

O olhar do negro brasileiro ao se voltar para os EUA, destaca comportamento, a militância e estética corporal dos negros norte-americanos, que comporta desde o estilo Black Power até a avançada tecnologia dos produtos étnicos e dos cabelos emoldurados ao redor do rosto (Gomes, 2020, p. 158).

A manipulação e a estilização do cabelo crespo, é uma expressão cultural carregada com o povo preto desde o continente africano, lá elas eram usadas de diferentes formas, sendo apresentadas como uma forma de culto às religiões que praticavam ou para diferenciar o *status* social e profissão de cada um/a. O cabelo era sagrado para o/a africano/a antes da escravidão, antes de ser arrancado/a de suas terras natais e vendidos/as para diversas partes do mundo, em sua grande maioria para a América e, mais especificamente, para o Brasil. O cabelo crespo era cuidado, esculpido de várias formas, com produtos caseiros de misturas de plantas até a misturas não convencionais como o barro misturado com banha, como explica Gomes (2020).

⁶ O questionário foi desenvolvido por mim no Formulários Google, e contém perguntas objetivas sobre a relação da entrevistada com as violências raciais sofridas, motivadas por sua cor e seu cabelo. As mulheres entrevistadas foram escolhidas entre minhas clientes e contribuem também através de relatos durante os atendimentos realizados.

⁷ O Movimento dos black powers e panteras negras foram movimentos sociais promovidos na década de 60 em diante, nos Eua, onde os negros se revoltavam contra a política racista e usavam elementos da cultura negra afim de empoderar seus iguais e promover suas ideias.

Gomes (2020) pondera que, assim como outros objetos da cultura africana e afro-brasileira que foram marginalizados ao passar dos anos da colonização, o estigma com cabelo crespo anda juntamente com outras expressões africanas como: a capoeira, as religiões de matrizes africanas e entre outros símbolos culturais que carregam tradições e a ancestralidade com eles, e trariam a humanização das pessoas pretas. O cabelo era muito importante para o/a negro/a africano/a, então quando os/as negros/as eram capturados/as, a raspagem do cabelo era um dos primeiros atos a serem feitos, era através do cabelo que o/a negro/a expressava suas relações sociais, religiosas e até mesmo as relações pessoais. O cabelo deixava que o/a negro/a escravizado/a possuísse uma identidade, uma raiz, como algo que o/a fizesse pertencer ao mundo, ele/a ainda teria vontade própria. Os colonizadores brancos proibiam, mistificavam e marginalizavam as expressões culturais do povo preto, para banalizar e categorizar a pessoa preta apenas como um objeto a ser vendido. Ou seja, ela não deveria possuir emoções ou tradições, então poderia ser tratada como sub-humana.

Entendemos como essa quebra da autoestima da pessoa negra, perpetua até os dias atuais, e afeta a vida de vários homens e mulheres pretos na contemporaneidade, a falta de identificação com seus traços naturais causam estranhamento e a vontade de manipular essas raízes, a fim de se encaixarem no padrão embranquecido que foi estabelecido a cinco séculos atrás, sentencia Gomes (2020).

As meninas e mulheres negras da atualidade carregam o desejo da manipulação do cabelo consigo, e dessa forma quase ritualística, mas dessa vez a manipulação do cabelo deixou de ser um método que valorize suas raízes, por consequência principalmente dessa perseguição cultural que não acabou junto com a escravidão, hoje elas manipulam, trançam e esticam seus cabelos para se encaixar na padronização branca.

No século passado esses procedimentos eram feitos sem muita segurança, com produtos como a soda cáustica, grandemente prejudicial

quando entrava em contato com a pele ou couro cabeludo, como observado no relato:

No outro dia, pela manhã, Tânia levantou bem cedo para observar o preparo da fórmula mágica que iria fazer uma verdadeira revolução nos cabelos crespos da mãe. Quem sabe, não poderia fazer o mesmo com os dela? A fórmula era, na verdade, uma pasta feita com soda cáustica, farinha de trigo e sabão. A menina observava atenta sua mãe e outras vizinhas, todas negras conversando, cantando e preparando a pasta. Tudo era motivo para uma pequena reunião. Depois de pronta a mistura, uma mulher aplicava no cabelo da outra, contava os minutinhos no relógio e corria para lavar. Quando finalmente chegou a vez da aplicação do creme de alisar os cabelos de sua mãe, Tânia viu algo notável. Após receberem a química, os cabelos crespos estavam caídos sobre os ombros, em mechas inertes e úmidas. Estavam lisos. Tânia não conseguia acreditar naquela transformação. Esperou que a mãe e as amigas se afastassem e chegou perto do pote de creme branco que mais parecia um doce. Cheirou e sentiu o forte odor da soda. A mãe ralhou com a menina quando a viu tão perto de uma química tão perigosa. Ora, se o creme era capaz de desestruturar o fio de cabelo crespo, o que não faria caso fosse ingerido. Tânia se afastou e ouviu a mãe e as amigas repetirem a receita do creme mágico: Farinha de trigo, soda cáustica e água (Gomes, 2020. p. 188).

Infelizmente, o caso de Tânia apresentado no relato, ainda povoa o imaginário e as práticas de muitas mulheres pretas marginalizadas e empobrecidas. Aquelas com mais poder aquisitivo, utilizam procedimentos mais seguros, mas ainda assim, tentam esconder suas raízes de todas as formas. As Tranças Nagô e Rastafari/Box Braids passaram de um objeto cultural de valorização, para uma forma de fugir de seu cabelo crespo. Encontro semelhanças entre os casos das mulheres entrevistadas para a pesquisa com os escritos da autora Gomes (2020), quando ela apresenta uma mulher negra, cliente de um dos salões étnicos, entrevistada para seu projeto de doutorado, que usa apliques de cabelo orgânico por cima de seu cabelo natural.

Já fiquei internada...por não ter o cabelo... fiquei internada no hospital, eu entrei em uma depressão muito forte, porque eu não tava com o meu cabelo... Não tinha no mercado o meu cabelo porque o meu cabelo vem de São Paulo e São Paulo faz pedido pro... não sei se os Estados Unidos, pra onde que é... Eu entrei em depressão porque eu fiquei só com o rabo de cavalo e eu já não tava me gostando, já não tava me achando bonita, porque é uma coisa que nem uma água da fonte: "Quem bebe dessa água sempre volta!". O cabelo é a mesma coisa, quem põe não tira, não tenho coragem de ficar sem ele, principalmente no meu caso. (C, 21 anos, gerente de gráfica. Grifo Nosso) (Gomes, 2020, p. 176)

Assim, como encontramos esse caso, onde a violência racial se enraizou de certa forma em sua mentalidade, que ela aprende a ver o seu corpo, seu cabelo e seus traços como feios. Digamos que as intenções de tornar o/a negro/a submisso/a deu tão certo na época da escravidão, que esse quadro de se submeter ao padrão de beleza branco, passou de geração para geração chegando aos dias atuais. O conceito de ter o/a branco/a como bonito/a e o/a preto/a como feio/a se enraizou e se estruturou de tal forma na mentalidade das pessoas pretas, que atualmente muitas se consideram inferiores.

A mulher relata que não consegue se enxergar com seu cabelo natural, que não se sente confiante sem o cabelo orgânico, que é uma técnica onde o cabelo natural fica trançado na raiz, e telas de cabelos longos, lisos ou cacheados são costurados na raiz do cabelo. Gomes (2020) aponta que a utilização dos alongamentos no caso dessa entrevistada teve uma relação direta com sua autoestima e autoimagem. “Como ela se vê diante das pessoas, e ainda mais, sobre a única forma que ela mesma admite ser vista pelo outro” (Gomes, 2020, p. 176). Há meninos pretos que não almejam as meninas pretas para ser seu par romântico, eles enxergam as semelhanças que têm em comum, e como costumam inferiorizar seus traços e raízes, não conseguem ver beleza em uma mulher de sua raça. Como a autora escreve no trecho a seguir, não parece atrativo ser negro/a, os/as negros/as sofrem violências e vivem às margens, todos/as almejam o padrão de vida dos/as brancos/as, porque não aguentam mais serem oprimidos/as pelos/as mesmos/as.

Há uma complexidade envolvendo o processo de “tornar-se negro” na sociedade brasileira. A violência é a pedra de toque, o núcleo central do processo identificatório dos negros. Ser negro é ser violentado de forma constante, contínua e cruel, sem pausa ou repouso, por uma dupla injunção: a de encarar o corpo e os ideais de ego do sujeito branco e de recusar, negar e anular a presença do corpo negro (Gomes, 2020, p. 164).

A violência a que se refere a autora, também está extremamente presente nas respostas das mulheres entrevistadas nesta pesquisa, a exemplo de Jade: “Sinceramente, não lembro de ter uma fase que eu gostava do meu

cabelo natural. Pois quando não estava alisando, estava com trança e ao natural só uso preso”. Safira, ao ser questionada sobre alisar os cabelos e por quanto tempo, acrescenta: “Sim, por não me sentir bonita e aceita com cabelo crespo, alisei por mais de 10 anos!”. Safira apresenta também um caso de preconceito diretamente relacionado ao seu cabelo, em resposta à pergunta se ela já havia sofrido preconceito racial em seu ambiente de trabalho, ela diz: “Sim, na última vez registrei boletim de ocorrência já tem quase 3 anos e até agora nada foi feito.” Em um momento de atendimento, ela relata para mim o caso com mais detalhes, a agressora teria sugerido que ela prendesse seu cabelo e perguntou se seu cabelo crescia, enquanto ela usava seu cabelo estilo Black Power.

Rubi outra entrevistada, é uma mulher negra, que ainda não consegue sair de casa de forma confortável sem camuflar seu cabelo natural de alguma forma, seja com tranças ou com alisamentos, ela relatou em um dos atendimentos que desde cedo ouvia ofensas de sua mãe relacionadas a seu cabelo, e esse quadro de agressões se intensifica ao longo de sua vida, como *bullying* na escola e preconceito nos ambientes de trabalho. Em resposta à pergunta sobre a discriminação no local de trabalho, ela nos apresenta detalhadamente uma manifestação cruel do preconceito racial em um local de trabalho.

Fui vítima de um episódio extremamente ofensivo de racismo no meu local de trabalho entre os anos de 2015 a 2020. Durante uma confraternização, uma colega se dirigiu a mim de maneira completamente inadequada e racista. Ela começou por dizer que eu "combinava lavando a louça", algo dito em tom de piada, onde todos riram e ficou por isso mesmo, mas foi uma clara referência a estereótipos racistas sobre pessoas negras realizando trabalhos domésticos e subalternos. Em outro momento, ela fez um comentário sobre a aparência do meu nariz, dizendo que era "feio". Esse tipo de comentário é profundamente racista, pois está associado a padrões eurocêntricos de beleza que desvalorizam as características faciais de pessoas negras. Para piorar, ela ainda teve a audácia de afirmar que pessoas como eu não são consideradas atraentes e muito menos procuradas por pessoas brancas como ela. Esse comentário é uma manifestação clara de preconceito racial e discriminação, reforçando a ideia de superioridade branca e inferioridade negra. Essa cena de racismo não apenas me deixou profundamente magoada, mas também evidencia a existência do racismo estrutural que permeia nossa sociedade e se manifesta até mesmo nos ambientes de trabalho. (Rubi, 2024).

A mesma entrevistada contribui de uma forma muito articulada para a pesquisa, aos 35 anos, Rubi, diz que ainda não gosta de seu cabelo natural, e em análise às suas respostas observamos que ela compreende profundamente na teoria e na prática a violência racial estruturada e enraizada em nossa sociedade. Rubi se considera pertencente à classe média e possui uma formação superior na área da educação; o que pode ter ajudado a compreender a violência praticada contra ela, sua cor e seus traços durante a vida. Em um outro trecho ela responde sobre o *bullying* e ao preconceito em casa e na escola:

Racismo em casa -Lidar com o racismo de minha mãe atingiu um nível insuportável quando ela começou a me chamar de "macaca preta". Essa palavra, carregada de história e conotações raciais, foi usada como uma arma para me ferir e me diminuir como pessoa. Cada vez que ela me chamava de "macaca", era como se uma faca afiada cortasse minha alma, me lembrando de que, aos olhos dela, eu não passava de um animal inferior por causa da cor da minha pele. Essas palavras, carregadas de ódio e desumanidade, penetravam profundamente em minha identidade, corroendo minha autoestima e me fazendo sentir indigna de amor e respeito. O impacto emocional de ser chamada de "macaca preta" por minha própria mãe é difícil de descrever em palavras. Cada insulto era como um golpe físico, deixando cicatrizes invisíveis que não se curam completamente. Racismo na escola - Foi uma experiência profundamente dolorosa quando sofri racismo durante o amigo secreto da escola. Lembro-me vividamente do momento em que uma colega jogou meu nome no chão, declarando de maneira desdenhosa que não queria pegar "a menina preta" da sala. Aquelas palavras cortaram como facas afiadas, perfurando minha alma e deixando cicatrizes emocionais duradouras. Ao chegar em casa, devastada pelo incidente, compartilhei com minha mãe o que havia acontecido, esperando encontrar conforto e apoio. No entanto, em vez disso, ela reforçou a dor ao concordar casualmente que eu era "preta mesmo", como se essa característica fosse uma justificativa para o tratamento desumano que eu havia recebido. Sua falta de empatia e validação tornou a situação ainda mais angustiante e solitária. O impacto dessa experiência foi avassalador. Além do sofrimento causado pelo racismo flagrante na escola, enfrentei o trauma adicional de não encontrar apoio em casa (Rubi, 2024).

Podemos observar como a sociedade promove agressões escancaradas que permeiam a vida das pessoas negras, a sociedade aprendeu a propagar esse racismo que destrói vidas além do impacto material, econômico, mas atingindo a esfera pessoal e o psicológico, fazendo com que aquele sentimento de desumanização criado lá atrás pelos colonizadores para o controle e a objetificação dos/as negros/as escravizados/as nunca tenha sido extinto.' Ao

observar os fortes relatos de Rubi, adentramos profundamente em suas angústias mais privadas, registrando seus sofrimentos e traumas ocorridos durante sua vida até agora. Os relatos de Rubi (2024) são impactantes, dolorosos e infelizmente não é a única vida que o racismo adentrou, muitos homens e mulheres sofrem durante suas vidas inteiras apenas por existir. Sobre o uso de tranças, ela alega que as tranças servem como um “*refúgio*” ou um “*escudo*” em uma de suas respostas.

Comecei a usar tranças nagô para tentar esconder meu momento de transição. A decisão veio depois de um período difícil, marcado por episódios dolorosos de racismo e discriminação. Sentia-me profundamente magoada. Embora as tranças nagô tenham sido uma escolha estética, também representaram uma jornada interna de autoaceitação e amor próprio. Por baixo daquelas tranças, eu estava em transição, não apenas em relação ao meu cabelo, mas também em relação à minha própria identidade e ao meu lugar no mundo. Estava vulnerável, e as tranças nagô pareciam oferecer uma espécie de refúgio, um escudo para proteger minha identidade e autoestima em meio à adversidade (Rubi, 2024).

Observamos entre as entrevistadas, o conhecimento sobre essa agressão e a rebeldia contra essa padronização colonial que foi imposta às pessoas não-brancas (indígenas, negras, asiáticas, latino-americanas, etc.), e entendemos também através de algumas respostas que há a necessidade de um processo de empoderamento para que esse estigma seja rompido. Há uma enorme importância que as pessoas negras reconheçam a si próprias e entendam esse processo que foi feito para enaltecer o colonizador e categorizar a pessoa preta a fim de silenciar sua existência, pois é através da compreensão deste processo que talvez consigam se libertar da violência que permeia sua mentalidade, impedindo que consiga ver beleza em seu corpo e seus traços culturais. Vemos a importância deste processo de empoderamento ao analisar algumas respostas ao questionário:

Pergunta: Se você considera que gosta e se identifica com seu cabelo natural, poderia nos dizer se há alguma motivação para isso, e se você já passou por algum processo de negação ou aceitação do cabelo? Ágata: Eu amo meu cabelo natural, é símbolo de resistência e é lindo. A muitos anos atrás acreditava o contrário, que meu cabelo era feio por ser cacheado, e que eu não estava à altura de outras pessoas, brancas o caso. Mas graças a pessoas que estiveram comigo, aos muitos anos de estudos, hoje em dia me aceito por completo (Ágata, 2024).

Em resposta a mesma pergunta citada acima, Safira responde:

Passei a gostar e aceitar meu cabelo assim que me formei na faculdade, após seguir uma página no facebook chamada Meninas Black Power que mostrava a transição capilar de mulheres do Brasil inteiro, ao ver as postagens comecei a achar bonito cabelo crespo e cacheado, e entender que o processo de alisar era na verdade uma tentativa de apagamento das minhas origens, algo muito violento e que eu deveria deixar de fazer a mim mesma (Safira, 2024).

Percebemos através das respostas, Rubi e Safira como mulheres que são trabalhadoras, e encontram na classe média e se enquadram como professoras, acadêmicas e politizadas, e possuem uma opinião muito crítica e consciente sobre os casos de racismo sofridos. Refletimos a partir de suas narrativas, que muitas mulheres não tiveram oportunidades de acessarem os espaços formativos como a educação, geralmente, as mulheres mais empobrecidas de classes baixas não possuem acesso aos conhecimentos sobre sua raça, suas raízes e sua história, sofrem violências racistas. É importante pontuar que, embora Rubi e Safira sejam mulheres negras que conseguiram conquistar condição econômica e social diferente de uma maioria que as mulheres negras se encontram, o preconceito racial não as poupou de armazenar traumas e consequências psicológicas inimagináveis.

Quanto às mulheres negras que não são instigadas a questionar esse padrão eurocêntrico embranquecido, muitas vezes levam a sua dor, seus traumas e o sentimento de não pertencimento, e também, em alguns casos, ocorre a transmissão desse sentimento de geração para geração, o que faz com que os/as próprios/as familiares promovam o racismo contra seus/uas próprios/as filhos/as em suas casas, onde deveria ser lugar de amor e acolhimento se faz um local de agressão e promove traumas que perseguem as vítimas por toda sua vida.

Política de Perseguição e Embranquecimento

Compreender o lugar da população negra na sociedade brasileira no contexto da abolição da escravatura, em que era formada majoritariamente por

negros/as e mestiços/as, agora “livres”, ou seja, não possuíam donos/as e na teoria deveriam possuir os mesmos direitos dos/as brancos/as. Segundo Maria Aparecida Silva Bento (2002), era de conhecimento de todos/as que os/as negros/as foram tirados/as das condições de escravos/as e colocados/as em condições de marginalização e miséria, e nenhuma política pública em favor destes/as foi aplicada na época. Eles/as teriam sido deixados/as à deriva e à própria sorte, às margens de uma sociedade que já havia sido construída e estruturada, principalmente em cima de seus próprios esforços por quatro séculos, e nada receberam por isso, muito pelo contrário, a população branca temia e repudiava os/as negros/as livres, e o estado brasileiro não media esforços para impedir que eles/as fossem integrados/as à sociedade.

Os/as brasileiros/as se viam diante a uma nova classe social, os/as negros/as pobres, recém libertos/as, que não possuíam propriedades ou rendas e sobreviviam as margens da sociedade a que foram tardiamente inseridos/as. Depois que a liberdade foi concedida a eles/as, a mentalidade social já estava estruturada em cima destes conceitos estabelecidos nos padrões eurocêntricos, então os/as brancos/as não se identificavam com os/as negros/as e não aceitavam que os/as mesmos/as que os/as serviam e deviam ser inferiores, (assim que os/as foi ensinado), participassem da mesma sociedade e gozassem dos mesmos direitos. Segundo a autora: “O que se vê comprometido nesse processo é a própria capacidade de identificação com o próximo, criando-se, desse modo, as bases de uma intolerância generalizada contra tudo o que possa representar a diferença” (Bento, 2002, p. 14).

A igreja católica também se calou perante a escravidão, e também ajudou a perseguir e banalizar suas expressões culturais, colocando as pessoas negras e suas tradições como satânicas, promovendo ainda mais o medo dos/as negros/as e de suas tradições no imaginário das pessoas brancas, o que se perpetua até os dias atuais. Essa foi só mais uma, de várias vezes em que a igreja participa do processo de perseguição contra desfavorecidos/as, como a autora defende:

Não só a Igreja, mas também o Estado (estritamente ligado a ela) reagiram, num período de perigo, contra uma civilização rural e pagã, qualificada de satânica. As mulheres eram satanizadas, e a caça às bruxas é um exemplo acabado desse processo; os negros, os judeus, os mendigos, todos eram mensageiros de Satã e podiam ser violentados, queimados, etc (Bento, 2002, p. 9).

Quatro séculos de violências não se apagam de uma hora para outra, os/as negros/as foram colocados/as como sub-humanos/as pelo estado e pela igreja para que fosse mais fácil aceitar a forma como eram tratados/as. O povo negro era considerado pelos/as brancos/as como: feios/as, sujos/as, desprovidos/as de inteligência e virtudes que lhes dariam a humanidade. Ao fim da escravidão, foram criadas instituições psiquiátricas, os “hospícios”, onde sua grande maioria de internos/as eram pessoas negras, com diagnósticos que escancaram a violência de raça. “Os estigmas de degeneração física que apresenta são os comuns à sua raça: lábios grossos, nariz esborrachado, seios enormes e pés chatos” (Bento, 2002, p. 11). Mostrando que o estado brasileiro não só promoveu a marginalização dessas pessoas, como tirou (mais uma vez) sua liberdade e sua dignidade humana.

Segundo Bento (2002), o governo brasileiro fomentou processos migratórios que trariam novos/as estrangeiros/as para o país, desta vez, estrangeiros/as brancos/as e que se aproximavam ao padrão de vida europeu que ele tinha designado ao país. É interessante pontuar, que a esses/as novos/as estrangeiros/as o governo brasileiro proporciona terras e empregos privilegiados, enquanto aos/às ex-escravizados/as, nada foi proporcionado, além de mais preconceito e violência institucionalizada. A autora defende que os interesses em manter a desigualdade racial e o racismo em nossa sociedade, beneficia diretamente interesses dos/as brancos/as, enquanto o estado não media esforços para trazer imigrantes do estrangeiro, varria uma parte de sua população, aquela que havia construído este país com seu próprio esforço, para baixo do tapete e empurrava-a cada vez mais para as margens.

O legado da escravidão para o branco é um assunto que o país não quer discutir, pois os brancos saíram da escravidão com uma herança simbólica e concreta extremamente positiva, fruto da apropriação do trabalho de quatro séculos de outro grupo. Há benefícios concretos e simbólicos em se evitar caracterizar o lugar ocupado pelo branco na

história do Brasil. Este silêncio e cegueira permitem não prestar contas, não compensar, não indenizar os negros: no final das contas, são interesses econômicos em jogo (Bento, 2002, p.6).

A final, para que haja a desvalorização de uma raça, existe a valorização de outra, pouco se fala sobre os benefícios que os/as brancos/as possuem em cima do racismo e são poucos/as os/as que têm interesse em mudar um sistema que o/a favoreça e forneça tantos privilégios a eles/as.

Considerações Finais

Vemos de forma iminente, como as políticas de embranquecimento afetam diretamente a vida das mulheres negras presentes nessa pesquisa, tanto às colaboradoras Agata, Jadi, Rubi e Safira, quanto às que estão presentes nos relatos de Nilma Lino Gomes. Mesmo que a pesquisa da autora tenha sido feita no início dos anos 2000, e esta esteja sendo feita quase vinte anos depois, as marcas deixadas pela violência racial na mentalidade dos homens e mulheres negras continuam presentes, e ainda continuam se reproduzindo. O que vai continuar sentenciando as pessoas negras por muito tempo a este ciclo de violência.

Constatamos que todas as mulheres entrevistadas possuem ou possuíram problemas de autoestima relacionados com seu cabelo, metade delas consideram que atualmente, depois de um longo processo de aceitação, passaram a gostar de suas raízes e a valorizar seu cabelo natural, enquanto a outra metade ainda se vê presa no estigma do cabelo crespo, e ainda não o aceita por completo, utilizando sempre algumas alternativas para disfarçar o cabelo crespo, entre elas o uso de tranças, ou alisamento químico. Ao analisarmos as respostas, encontramos a violência em todas elas.

O preconceito racial em forma de violência verbal e *bullying* está presente na vida de todas as entrevistadas, observamos como, sem exceção, todas sofreram *bullying* na escola ou em casa, e sofreram racismo também em seu local de trabalho. Mostrando que na atualidade, pode se dizer que todas as pessoas pretas ainda convivem com a herança da escravidão e das políticas

de embranquecimento, o que as atinge além dos âmbitos políticos, econômicos e sociais, e é inserida na mentalidade das pessoas pretas, alterando a forma em que enxergam a si mesmas, aos seus traços e a seus iguais, lembrando-as a todo momento que as marcas da colonialidade ainda estão aqui, e não importa quanto tempo passe, elas as perseguem onde quer seja.

Tendo sido o corpo negro, durante séculos, violado em sua integridade física, interdito o seu espaço individual e social pelo sistema escravocrata do passado e hoje ainda por políticas segregacionistas existentes em todos, ou senão, em quase todos os países em que a diáspora se acha presente, coube aos/às descendentes dos povos africanos, espalhados pelo mundo, inventar formas de resistências. Vemos, pois, a literatura negra buscar modos de enunciação positivos na descrição desse corpo negro, a identidade racial vai ser afirmada em cantos de louvor e orgulho étnico, chocando-se com o olhar negativo e com a estereotipia que é feita sobre o mundo e as coisas negras. O corpo negro vai ser alforriado através da palavra poética que procura imprimir, que procura dar outras lembranças às cicatrizes das marcas de chicotes ou às iniciais dos/as donos/as colonos/as de um corpo escravo. É, ao escrever o corpo, que marcadamente se realiza a alta rotatividade dos signos negros. Os mesmos signos que isolam, que provocam o exílio na pele são os que escrevem a plenitude dessa mesma pele, e constroem uma apologia étnica, Cardoso (2020).

Cardoso (2020) apresenta os ensinamentos de Conceição Evaristo sobre resistência, para nos libertarmos das amarras imaginárias que a escravização nos deixou e para que possamos resistir às políticas segregacionistas que nos foram impostas, temos que entender a história através dos nossos olhos, os olhos dos/as oprimidos/as. Precisamos ressignificar os conceitos racistas que nos foram impostos, entendermos que "coisa de preto" não é ruim; é coisa boa, é coisa nossa.

Durante essa pesquisa entendi como as mulheres negras que utilizam as tranças, seja para esconder suas raízes ou para que se sintam bonitas e

seguras, quando decidem pela manipulação de seus cabelos, reafirmam sua liberdade, identidade e resistência, em detrimento às políticas permeadas de colonialidade, seja da beleza padronizada e uma estética ultrapassada e cafona, que seus propósitos, em tempos atuais exigem redirecionamento, a valorização da diversidade cultural em suas múltiplas formas de expressões.

Referência Bibliográficas

Bento, Maria Aparecida. Branqueamento e Branquitude no Brasil. In: Psicologia social do racismo – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (Orgs.) Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. (25-58).

Cardoso, Loyde. Um ponto de vista situado para o vazio em Ponciá Vicêncio IN Ferreira Rosineia da Silva; Ramos, Celiomar Porfírio [org.]. Reflexões sobre as escrituras de Conceição Evaristo [recurso 1.ed. eletrônico]. 1.ed. Curitiba, PR: Bagai, 2020. Acesso em: 20/03/2024. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/RosineiaFerreira/publication/346500379_Reflexoes_sobre_as_escrivencias_de_Conceicao_Evaristo/links/63eeb7902958d64a5cd5fb64/Reflexoes-sobre-as-escrevivencias-de-Conceicao-Evaristo.pdf

Gomes, Nilma Lino. Sem perder a Raiz. Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. 3. ed. rev. amp; 1. reimp. Belo horizonte: Autêntica, 2020.

Fontes:

ÁGATA. Questionário Semi estruturado, google formulário, devolvido por Vanessa Rodrigues, em 20 de abril de 2024.

JADE. Questionário Semi estruturado, google formulário, devolvido por Vanessa Rodrigues, em 20 de abril de 2024.

RUBI. Questionário Semi estruturado, google formulário, devolvido por Vanessa Rodrigues, em 20 de abril de 2024.

SÁFIRA. Questionário Semi estruturado, google formulário, devolvido por Vanessa Rodrigues, em 20 de abril de 2024.